

Cenas da vida pós-moderna:

intelectuais, arte e videocultura na Argentina

Beatriz Sarlo

Fábio Barbosa de Lima

Professor na Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba
Doutorando em Língua Espanhola pela Universidade de São Paulo
E-mail: fblima@usp.br

Recebido: 1 nov. 2014

Aprovado: 1 dez. 2014

Nascida em Buenos Aires, em 1942, Beatriz Sarlo lecionou literatura argentina na Universidade de Buenos Aires por mais de vinte anos. Também dirigiu a revista *Punto de Vista*, entre 1978 e 2008, além de escrever vários livros, abordando temáticas como literatura, cultura de massas e intelectualidade. Uma de suas últimas obras é *La audacia y el cálculo – Kirchner 2003-2010*, na qual reflete sobre os anos Kirchner na Argentina.

Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina está organizado em cinco capítulos, a saber, *Abundância e pobreza*, *O sonho acordado*, *Culturas populares, velhas e novas*, *O lugar da arte* e *Intelectuais*. Embora a abordagem da autora parta de sua observação da realidade argentina, é possível ampliar tal espectro para um contexto que extrapole tal fronteira geográfica.

O primeiro capítulo, intitulado *Abundância e pobreza*, está dividido em quatro tópicos: *Cidade*, *Mercado*, *Jovens* e *Videogames*. Neste capítulo a autora discute o papel do *shopping center* como ambiente artificial centralizador de pessoas e serviços. São patentes as questões de ambientes desterritorializados e de não pertencimento, opondo-se aos centros das cidades, lugares geográficos precisos de identidade de uma comunidade. A massificação dos shoppings está marcada por uma estética de mercado, em que não há referência temporal – não importando quando é dia ou noite – ao mesmo tempo em que evidencia a idealização de uma cidade limpa e segura, opondo-se aos espaços públicos, evidenciando a crise em que esses se encontram.

Dividido em *Zapping*, *Gravação ao vivo*, *Política* e *Citação*, no segundo capítulo, *O sonho acordado*, a autora trata da imagem, da interatividade da televisão e

seu papel político. Sobre os *reality shows*, assevera que a vida está aí, não sendo uma representação. Não por acaso ocorre tal identificação por parte do público, pois há o sentido de pertencimento à vida que na TV é apresentada; um pertencimento muitas vezes maior que o das relações familiares vigentes.

O terceiro capítulo *Culturas populares, velhas e novas* não está dividido em tópicos. Neste capítulo ela aponta a massificação dos meios audiovisuais, em que o consumo é universal, porém boa parte dos cidadãos são apenas consumidores imaginários. Com o papel da escola em declínio e em uma sociedade em que não há uma hierarquização pela cultura e sim pelo poderio econômico, este último, desponta como o único diferencial e obstáculo de uma sociedade, em que as culturas populares se perderam.

O quarto capítulo, *O lugar da arte*, que está dividido em dois tópicos: *Instantâneos* e *Valores e mercado*, é o espaço de reflexão sobre o universo da arte, em que há uma competição visando à legitimação do artista e sua arte; não sendo o mercado de arte, em nenhuma instância, um espaço de neutralidade; afetando não somente os artistas, mas também os críticos e, ainda, o público. Para a autora, faz-se desnecessário afirmar que “o mercado cultural não põe em cena uma comunidade de consumidores e produtores livres”. (p. 193).

No quinto e último capítulo – *Intelectuais* – a autora discute o papel do intelectual na sociedade entre os séculos XIX e XX. Sobre os intelectuais e sua esfera de atuação diz: “pensaram que estavam na vanguarda da sociedade; que eram a voz dos que não tinham voz [...]. Pensaram que sabiam mais do que as pessoas comuns e que esse saber lhes outorgava um só privilégio: comunicá-lo e, se preciso fosse, impô-lo às maiorias [...] (p. 201). Nas sociedades surgidas da modernidade tardia, ou seja, da sociedade que denominamos pós-moderna, a figura do intelectual tem sido substituída pela representação do especialista, que atua com uma “aura de objetividade”. Objetividade essa, em muito forjada pelos meios de comunicação.

Ao fim do livro no apêndice *Referências*, a autora apresenta obras com as quais dialogou objetivando construir seus argumentos. Dentre os vários autores elencados, destacamos Walter Benjamin, Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero, Adorno, Pierre Bourdieu e Zygmunt Bauman.

Escrito em 1994, *Cenas da vida pós-moderna* continua atual. Como já apontamos, em que pese as reflexões de Sarlo serem sobre a realidade argentina da

época, sua contribuição é de grande valia por nos permitir analisar temas ainda atuais para a sociedade latino-americana e pós-moderna, além de nos possibilitar buscar pontos de aproximação e distanciamento não só no tempo, mas também do ponto de vista intercultural, refletindo sobre o que nos une e o que nos separa dos demais países de nosso continente e do mundo globalizado em que estamos inseridos. Para os vários dilemas impostos pela dita pós-modernidade, Sarlo conclui que “o pensamento crítico não é uma solução para esse nó. É apenas uma perspectiva: a porta estreita ainda não foi fechada” (p.228).

Referência

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Tradução de Sérgio Alcides. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.